



CENTRO BRASILEIRO DE
RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Breaking News #3

Qual é o futuro da União Europeia?



MAIO DE 2017

Sobre o CEBRI

Independente, apartidário e multidisciplinar, o Centro Brasileiro de Relações Internacionais é pautado pela excelência, ética e transparência na formulação e disseminação de conteúdo de alta qualidade sobre o cenário internacional e o papel do Brasil. Engajando os setores público e privado, a academia e a sociedade civil em um debate plural, o CEBRI influencia a construção da agenda internacional do país e subsidia a formulação de políticas públicas, gerando ações de impacto e visão prospectiva.

Ao longo de mais de dezoito anos de história, a instituição se destaca por seu acervo intelectual, pela capacidade de congregiar múltiplas visões de renomados especialistas e pela envergadura de seu Conselho Curador.

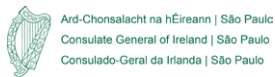
Conectado à agenda internacional, o CEBRI identifica e analisa as mais relevantes questões internacionais, promovendo o engajamento entre a produção de conhecimento e a ação política.

www.cebri.org

EXPEDIENTE Diretora Executiva: **Julia Dias Leite** | Diretor de Relações Institucionais: **Tomás Amorim** | Coordenadora de Comunicação e Eventos: **Bárbara Brant Oliveira Andrade** | Coordenadora Administrativa: **Camila Guedes de Menezes Sabino** | Coordenadora de Projetos: **Luciana Gama Muniz** | Consultor em Comunicação e Conteúdo: **Nilson Brandão** | Analista: **Ariane Costa dos Santos** | Assistente: **Carlos Arthur Ortenblad Júnior** | Estagiário: **Vitor Burckarte Patelli** | Voluntários: **Arthur Costa, Barbara Muniz, Daniel Palhares, Gabriel de Barros Torres, Mariana Panero e Victor Carap.**

Todos os direitos reservados: CENTRO BRASILEIRO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS - Rua Marques de São Vicente, 336 - Gávea - Rio de Janeiro / RJ - CEP: 22451-044 Tel + 55 21 2206-4400 / + 21 99627-2758 - cebri@cebri.org.br - www.cebri.org.br.

MANTENEDORES CEBRI:



PARCEIROS DE PROJETOS:



Nesta edição, o CEBRI *Breaking News* aborda o tema “Qual é o Futuro da União Europeia?”, diante da crise que o bloco enfrenta, de forma ainda mais aguda, ao longo do seu 60o aniversário. O momento opõe, de forma intensa, correntes extremadas e contrárias a sua existência aos defensores do bloco e de seu papel ao longo das últimas décadas.

Reunidos no Palácio do Itamaraty no Rio de Janeiro, embaixadores europeus no Brasil apresentaram avanços, contradições e empenho para a evolução do bloco a uma plateia que reuniu autoridades, diplomatas, profissionais liberais, acadêmicos e estudantes. Do evento, surge o presente conteúdo. Na capa, o mural do provocativo artista britânico Banksy na cidade de Dover (Inglaterra), imagem que circulou o mundo junto aos resultados das eleições presidenciais francesas.

Aproveitamos a oportunidade para agradecer as participações no debate, realizado em março, do Embaixador da União Europeia no Brasil, João Cravinho, do Embaixador da Irlanda no Brasil, Brian Glynn, do Embaixador da Alemanha no Brasil, Georg Witschel, do Presidente da FUNAG, Embaixador Sérgio Eduardo Moreira Lima, do Vice-Presidente do CEBRI, Embaixador Luiz Felipe de Seixas Corrêa, que abriu o evento, e da jornalista mediadora, Helena Celestino.

O CEBRI *Breaking News* vem se consolidando como uma série de debates sobre os mais atuais temas da agenda global, promovido pelo Centro Brasileiro de Relações Internacionais. Estruturado a partir das contribuições de ampla rede, que inclui membros da governança do CEBRI (empresários, embaixadores, acadêmicos e *senior fellows* externos), o projeto combina conteúdo de qualidade e *timing*.

MAIO DE 2017

Qual é o futuro da União Europeia?

Em crise existencial. Assim, o presidente da Comissão Europeia, Jean-Claude Juncker, definiu a situação pela qual passa a União Europeia (UE). O momento era setembro do ano passado e o evento, o Estado da União 2016. “Nunca como agora tinha visto tal fragmentação e tão pouca convergência na nossa União”. De lá para cá, o sentido da existência do bloco vem sendo ainda mais testado, no ano em que o bloco comemora os 60 anos do Tratado de Roma, onde se lê a defesa da “união cada vez mais estreita entre os povos da Europa”. As preocupações levaram o Papa Francisco a alertar sobre a necessidade de fortalecer os ideais fundadores do bloco, a solidariedade, em especial, durante reunião no Vaticano com os 27 líderes da UE, na véspera do aniversário do tratado. Os fatos em 2017 foram e continuam a ser muitos. Ao longo do ano, o Reino Unido formalizou a saída do bloco, a permanência na União Europeia foi tema-chave durante a campanha presidencial francesa e eleição parlamentar holandesa, há grande expectativa em relação às eleições na Alemanha em setembro e quanto ao avanço do euroceticismo e do populismo protecionista – tudo isso junto aos efeitos da Gestão Donald Trump à frente dos Estados Unidos, principal parceiro transatlântico da UE.



“O aniversário é o momento certo para olharmos para as conquistas alcançadas e discutir o futuro da UE. Os desafios são muitos, mas também são muitas as oportunidades”, indicou o Embaixador da União Europeia no Brasil, João Cravinho, durante a celebração ao Tratado de Roma promovida pelo CEBRI (Centro Brasileiro de Relações Internacionais), com o apoio da FUNAG (Fundação Alexandre de Gusmão), no Palácio do Itamaraty no Rio de Janeiro. O evento CEBRI

Breaking News: Qual é o Futuro da União Europeia? reuniu também os embaixadores da Irlanda no Brasil, Brian Glynn, e da Alemanha no país, Georg Witschel, além do Vice-Presidente do CEBRI, Embaixador Luiz Felipe de Seixas Corrêa, e do Presidente da FUNAG, Embaixador Sérgio Eduardo Moreira Lima, no fim de março. “Vamos ter de manter um diálogo intenso nesses próximos meses que virão. A União Europeia é não só a casa dos aliados mais antigos e tradicionais do Brasil, mas

também das potências que aqui se instalaram e se fizeram presentes. Representou sempre uma visão, espécie de sonho a ser perseguido pela América do Sul”, definiu o Embaixador Seixas Corrêa.

As mais recentes eleições na região, se não afastam por completo a forte oposição ao bloco, representaram significativa reafirmação da União Europeia. Na Holanda, o candidato do Partido Liberal e Democrata (VVD), Primeiro-Ministro Mark Rutte, derrotou em meados de março o candidato da extrema-direita Geert Wilders, do Partido para a Liberdade (PVV). Apesar da derrota, o PVV avançou no total de cadeiras no Parlamento. Ex-executivo da anglo-holandesa Unilever, Rutte ocupou cargos de secretário de governo e tornou-se premiê em 2010. Na França, o centrista Emmanuel Macron, do movimento *En Marche!*, foi eleito presidente no início de maio, com 66% dos votos, ante os 34% da candidata Marine Le Pen, da Frente Nacional. Macron foi executivo do banco de investimentos Rothschild e, não faz muito tempo, era sequer conhecido nacionalmente, até que em 2014, tornou-se ministro da Economia. As duas vitórias representam um freio temporário ao avanço da extrema direita no bloco, contrária à globalização, crítica da União e opositora da imigração. Vale lembrar, entretanto, que o segundo turno das eleições presidenciais francesas registrou a maior taxa de abstenção (25,4%) desde 1969, com recorde nos votos em branco ou nulos (11,5%). Já na Holanda, a participação dos eleitores (82%) na eleição parlamentar foi a maior dos anos anteriores, mas às vésperas da votação, ainda era alta a taxa de indecisos.

Os dois resultados foram imediatamente comemorados pelo Presidente da Comissão Europeia. Representaram, em sua visão, fonte de inspiração aos favoráveis ao bloco e uma forma de decepção aos eurocéticos. Pelo *twitter*, Jean-Claude Juncker compartilhou ter ficado “feliz com o fato de os franceses terem escolhido um futuro europeu” e conclamou: “vamos construir juntos uma Europa forte”. Logo após as eleições holandesas, defendeu que “o povo da Holanda votou de forma esmagadora pelos valores que a Europa defende, como sociedades livres e tolerantes em uma Europa próspera”. Ainda que afastados os riscos imediatos do que chegou a ser chamado de Nexit (junção das palavras *Netherlands* e *exit*) e do Frexit (saída da França), persistem especulações em torno da ameaça de movimentos semelhantes em outros países, que ganham nomenclaturas como Grexit (saída da Grécia), Italexit (saída da Itália) e Swexit (saída da Suécia). “A solução não passa por desmontar a União Europeia mas fazê-la funcionar melhor”, defendeu o Embaixador da UE no Brasil, em sua apresentação no evento realizado no Rio.

Em comum, os embaixadores da UE, Alemanha e Irlanda reconhecem que o bloco enfrenta desafios ainda não experimentados até hoje e neste grau de relevância. Defendem, ainda, que a Europa vive o maior período de paz, desde a última grande conflagração. Chamaram, também, atenção para o fato de que o registro do drama da Segunda Grande Guerra remanesce apenas na memória dos cidadãos de mais idade. E afirmaram assertivamente que, mesmo diante das resistências de correntes políticas e movimentos contrários, a União Europeia não chegou ao fim. “Mesmo assim, ainda é

muito cedo para relaxar. A União Europeia precisa refletir sobre como deve prosseguir. Nós deveríamos agora começar a libertar nossa cabeça de conceitos afeiçoados, que muitas vezes surgiram em um outro contexto histórico totalmente diferente”, ponderou o Embaixador da Alemanha no Brasil, Georg Witschel. Não sobram dúvidas de que o momento é de redefinição e que os cidadãos europeus precisam ser ouvidos sobre como avaliam o bloco, suas visões de futuro e as chances reais que enxergam para as próximas décadas da UE.

“Sejamos sinceros. A União Europeia está passando por uma crise, talvez a pior em sua existência. Essa crise tem pelo menos dois aspectos, um institucional e outro da legitimação, da confiança”, explica Witschel. Na perspectiva institucional, tem sido cada vez mais difícil superar “de forma conjunta e harmoniosa “os grandes desafios do bloco”. As crises econômica, financeira e monetária ainda não foram superadas totalmente, assim como a crise da imigração, cujo ápice foi em 2015. Na perspectiva da legitimação, o embaixador alemão indica como se deu o desgaste na percepção do bloco pelos cidadãos. “O modo como as instituições europeias e os governos nacionais lidaram com as crise financeira e migratória provocou em muitos cidadãos uma perda de confiança. Uma perda de confiança que ainda não podemos medir em que dimensão, mas que contribuiu significativamente para a eleição de partidos populistas”, expressa Witschel. A despeito do alento dos últimos resultados eleitorais nacionais, preocupa a ascensão de partidos populistas de esquerda e, principalmente, os de direita na região.

Traçado o cenário, o Embaixador questiona retoricamente se o Ocidente estaria em decadência. Logo a seguir, indica que não e afirma: “Aconselho a não entrar em pânico”. As correntes populistas, prossegue Witschel, representam parte da população europeia nesse momento, o que não pode ser excluído da busca de entendimento sobre o fenômeno e dos cenários de ação. São, conforme explica, uma parte da população a ser cativada “para nossa política, para nossa nação, para nossa cooperação europeia”. O embaixador alemão lembra que a UE é formada por nações soberanas, em torno de valores comuns, mas com experiências históricas, relações estruturais e origens sociológicas diferentes. Exemplifica que é possível ver como é diferente, nas diversas regiões da própria Alemanha, conseguir a aceitação necessária de refugiados de guerra. E volta a defender: “Nós podemos reconquistar os cidadãos pela Europa se lhes mostrarmos o que já podemos lhes oferecer e o que ainda podemos lhes oferecer no futuro”.

Na mesma linha, o Embaixador da União Europeia no Brasil cita os efeitos da globalização econômica. “A globalização e os avanços tecnológicos estão criando perdedores, bem como vencedores, temos de ter consciência disso e sobretudo temos de ter respostas. Comunidades inteiras são assoladas pelo desemprego ou não conseguem acompanhar o progresso”, registrou Cravinho. Ele diz que a UE virou uma espécie de bode expiatório de correntes extremadas e que Bruxelas passou a ser demonizada, notadamente quando políticos nacionais se deparam com problemas domésticos. Ele acrescenta que, involuntariamente, a UE paga hoje pelo que de-

fendeu fortemente no passado. “A União Europeia ficou fragilizada porque durante anos funcionou como promotor da globalização. Foi muito mais fácil para líderes populistas em vários países europeus identificarem a União Europeia, injustamente, com os males da globalização”.

Grandes números mostram a dimensão da integração conquistada. Atualmente, 6,5 milhões de europeus trabalham em outro estado-membro da União Europeia. Diariamente, 1,7 milhão de europeus atravessam a fronteira para trabalhar em país vizinho, dentro do bloco. Cerca de 9 milhões de jovens europeus participaram de intercâmbios educacionais e profissionais. “Na política econômica e social, em geral, todos os países lucraram com a unificação da Europa. Todavia, isso não significa que todo cidadão está agora em melhores condições”, complementa o embaixador alemão. Daí o empenho em evitar o avanço das desigualdades dentro do bloco, além da busca de equiparação de padrões sociais e condições de competitividade. Do ponto de vista da política monetária, Witschel acredita que o cidadão europeu continuará procurando averiguar se ela irá fortalecer disparidades entre os estados-membros ou como impactará sua remuneração como trabalhador e a aposentadoria, em detrimento aos rendimentos de capital.

A Irlanda se apresenta como beneficiária dos efeitos positivos da adesão ao bloco. “O êxito da Irlanda (no período) não pode ser separado da nossa condição de estado-membro da União Europeia”, relatou o embaixador irlandês no Brasil, Brian Glynn. A adesão oficial à então Comunidade Econômica Europeia aconteceu em janeiro de 1973. No ano anterior, conta Glynn, a renda média per capita irlandesa era inferior à renda média de países do bloco comunista. Livre acesso ao mercado europeu, implementação de reformas econômicas e sociais, além da questão da paz, foram algumas das evoluções como integrante do bloco. Em paralelo, amadureceu a relação com o Reino Unido, principal parceiro da Irlanda. “A maturidade na relação entre os dois países com vínculos históricos difíceis veio em grande medida negociada nos corredores das salas de reunião em Bruxelas, colaborando em projetos comuns”, historia o embaixador. Por este motivo, ele afirma que “ficamos profundamente decepcionados com a decisão do Reino Unido em solicitar sua saída definitiva da União Europeia”.

O embaixador irlandês antecipa que o país encara como prioridades permanecer aberto ao mundo, proteger a paz na ilha Irlandesa e seguir com uma política econômica “ambiciosa, mas prudente”, para atenuar os efeitos do Brexit. A ressalva irlandesa sobre o processo de saída do Reino Unido diz respeito à ligação com a Irlanda do Norte. “Não queremos a volta de uma fronteira ‘dura’ entre as duas partes da Irlanda”. A República da Irlanda tem a única fronteira terrestre com a Irlanda do Norte, integrante do Reino Unido. O embaixador enumera que as prioridades em curso são manter laços comerciais entre os dois países, mitigar o fardo regulatório para mercadorias em trânsito no Reino Unido, avançar no ambiente de negócios dentro da Irlanda e diversificar mercados. A decisão em favor do Brexit também foi lamentada pelos outros participantes do debate. O embaixador alemão reconhece que a definição ocorreu de

forma democrática e precisa ser respeitada. E acrescentou pragmatismo: UE e Reino Unido precisam um do outro em segurança e como parceiros comerciais.

CONTEÚDO RECOMENDADO

Cronologia interativa

As principais crises da Europa, da União Europeia e eventos mundiais nos últimos 60 anos, na *timeline* interativa do jornal português *Público*.

60 anos de História da Europa e da União Europeia



<https://www.publico.pt/mundo/interactivo/60-anos-de-historia-da-europa#56>

Diversificar mercados parece ser a estratégia da própria União Europeia em resposta ao caráter protecionista do novo governo americano, encarado como contrário ao livre comércio mundial. “Mesmo que trabalhemos para convencê-los das vantagens do livre comércio também para o seu país, os Estados Unidos, precisamos nos preparar para a queda de tradicionais mercados comerciais e para intensificar o comércio dentro da União e também com países não-membros. As negociações de associação com o Mercosul são um importante começo”, sintetizou Witschel. Sobre o tema, recentemente, o Embaixador da UE no Brasil voltou a defender a realização ainda este ano do acordo do grupo europeu com o bloco sul-americano, durante evento na Federação das Indústrias de São Paulo (Fiesp) e em entrevistas a veículos jornalísticos portugueses. “Estamos negociando no âmbito do Mercosul um acordo de livre comércio”, enfatizou o Presidente da FUNAG, Embaixador Moreira Lima, após citar os laços que unem a região à Europa, lembrando o “interesse mútuo na discussão de questões que dizem respeito a situação atual e futura da União Europeia”.

De forma geral, os tempos são de transição para a União Europeia, em diferentes frentes de atuação. “São tempos de reflexão consciente sobre estas duas questões primordiais: quais são os valores sobre os quais assentam o nosso projeto europeu e qual é o caminho que queremos para a nossa União? Creio que as respostas surgirão com clareza neste próximo um ano ou dois, e o processo do Brexit, que todos lamentamos, acabará por nos ajudar muito nessa reflexão”, projetou João Cravinho. De concreto, em meio à pretendida renovação, a Comissão Europeia lançou o Livro Branco sobre o Futuro da Europa, para cidadãos e estados-membros definirem visões para o bloco. Dele constam cinco cenários possíveis para a União Europeia, até 2025:

- **Continuar** – União Europeia com 27 estados membros (UE 27) segue implementando agenda de reformas, como tem sido feito;
- **Apenas um mercado único** – UE 27 manteria apenas o mercado único, por dificuldade em avançar no entendimento em torno de áreas de política;
- **Aqueles que querem mais fazem mais** – UE 27 segue como hoje, mas estados-membros que desejarem trabalhar mais estreitamente em áreas específicas;
- **Fazer menos mais eficientemente** – Avançar mais intensamente em áreas determinadas de política, e menos rapidamente em outras;
- **Fazer muito mais juntos** – Os estados-membros decidem compartilhar mais poder, recursos e processo decisório em todas as áreas.

Os próximos passos do processo de renovação serão o lançamento de documentos para reflexão de cinco questões-chave para a Europa. Para isso, foram definidas como linhas principais o desenvolvimento da dimensão social; o aprofundamento da união econômica e monetária; as perspectivas da globalização; o futuro da defesa; e o futuro das finanças. Estão previstos debates públicos com o Parlamento Europeu e estados-membros. Também fazem parte do planejamento consultas *online*, para cidadãos europeus expressarem suas opiniões e o que pretendem ver acontecer na região.

“Estamos no momento de perguntar aos nossos cidadãos se verdadeiramente vislumbram alguma alternativa para uma Europa Unida. Sabemos que há políticos que julgam ter a resposta, como é o caso em França da senhora que é herdeira da tradição de Vichy (governo criado em cidade de mesmo nome, para gerir a França ocupada, entre 1940 e 1944). Mas estou muito confiante que a esmagadora maioria dos europeus vai responder positivamente a este desafio. E estou hoje mais confiante do que estava há um ano atrás”, conclui o discurso do Embaixador João Cravinho, sem explicitar a que personagem se referia. A contramarcha no populismo extremado na Holanda e na França dão, por ora, razão ao otimismo demonstrado. No dia das eleições francesas, Cravinho recorreu a sua conta no *twitter* para compartilhar um *link* da cobertura do primeiro evento público de Emmanuel Macron: “Eleito Presidente da França, Emmanuel Macron chega para discurso da vitória ao som do hino da União Europeia”.

“

São tempos de reflexão consciente sobre estas duas questões primordiais: quais são os valores sobre os quais assentam o nosso projeto europeu e qual é o caminho que queremos para a nossa União? Creio que as respostas surgirão com clareza neste próximo um ano ou dois, e o processo do Brexit, que todos lamentamos, acabará por nos ajudar muito nessa reflexão.”

João Cravinho, Embaixador da União Europeia no Brasil

“

Vamos ter de manter um diálogo intenso nesses próximos meses que virão. A União Europeia é não só a casa dos aliados mais antigos e tradicionais do Brasil, mas também das potências que aqui se instalaram e se fizeram presentes.”

Embaixador Luiz Felipe de Seixas Corrêa, Vice-Presidente do CEBRI

“

Nós podemos reconquistar os cidadãos pela Europa se lhes mostrarmos o que já podemos lhes oferecer e o que ainda podemos lhes oferecer no futuro.”

Georg Witschel, Embaixador da Alemanha no Brasil

“

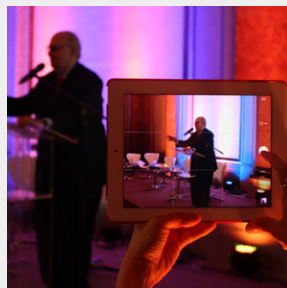
O êxito da Irlanda não pode ser separado da nossa condição de estado-membro da União Europeia.”

Brian Glynn, Embaixador da Irlanda no Brasil

“

Os princípios e valores que inspiraram a reconstrução europeia a partir dos tratados de Roma firmados em 1957, que criaram a comunidade econômica europeia e a Euratom não são remotos ao 3 Brasil, que mantem hoje com a União Europeia uma parceria estratégica, que comemora dez anos.”

Embaixador Sérgio Eduardo Moreira Lima, Presidente da FUNAG



Conselho Curador CEBRI

Presidente do Conselho Curador

José Pio Borges

Presidente de Honra do Conselho Curador

Fernando Henrique Cardoso

Vice-Presidentes do Conselho Curador

José Luiz Alquéres

Luiz Felipe de Seixas Corrêa

Tomas Zinner

Vice-Presidentes Eméritos

Daniel Miguel Klabin

José Botafogo Gonçalves

Luiz Augusto de Castro Neves

Luiz Felipe Lampreia (in memoriam)

Rafael Tiago Juk Benke

Conselheiros Eméritos

Celso Lafer

Marcos Castrioto de Azambuja

Pedro Malan

Roberto Teixeira da Costa

Conselheiros

Ana Jaguaribe

Armando Mariante

Arminio Fraga Neto

Carlos Mariani Bittencourt

Cláudio Frischtak

Denise Nogueira Gregory

Gelson Fonseca Junior

Henrique Rzezinski

Jorge Marques de Toledo Camargo

José Aldo Rebelo Figueiredo

José Alfredo Graça Lima

Luiz Fernando Furlan

Luiz Ildefonso Simões Lopes

Marcelo de Paiva Abreu

Maria Regina Soares de Lima

Renato Galvão Flôres Junior

Roberto Pinto Ferreira Mameri Abdenur

Roberto Giannetti da Fonseca

Ronaldo Mota Sardenberg

Ronaldo Veirano

Sérgio Quintella

Sérgio Silva do Amaral

Vitor Hallack

Winston Fritsch



CENTRO BRASILEIRO DE
RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Desde 1998, *think tank* de referência em relações internacionais no Brasil. Eleito em 2017 o quarto melhor da América do Sul e Central pelo índice global do Think Tanks and Civil Societies Program da Universidade de Pensilvânia.

www.cebri.org